

A religião ameaça rachar o Levante

SÍRIA | O confronto entre alauítas e sunitas tende a se espalhar até a envolver a Turquia

POR ISSA GORAIEB – EDITORIALISTA DO L'ORIENT-LE JOUR

O QUE PODE acontecer quando adversários envolvidos num amargo confronto adquirirem a convicção de ter atingido um ponto de não retorno, de ter demasiado investido na batalha para pôr fim nos ataques e, além disso, sentem não ter nada a perder?

Este é o caso dos protagonistas da crise na Síria, onde, apesar da selvagem repressão na qual está envolvido, com apoio de tanques e artilharia pesada, o regime do presidente Bashar el-Assad revela-se impotente para aplacar a vasta revolta popular iniciada em meados de março. O balanço desses eventos é de mais de 2 mil mortos e milhares de prisões, e é precisamente a enormidade dessa vala de sangue que parece proibir os dois adversários a recuar. Como numa tragédia grega é a um sombrio destino que eles parecem obedecer.

Durante toda a crise, o presidente sírio fez algumas vagas concessões a contagens, incluindo um projeto de criação de um multipartidarismo que acabaria com o monopólio exercido pelo Partido Baath por mais de meio século. No entanto, essas tentativas de reformas nunca deixaram de ser acompanhadas de repressões cada vez mais violentas e mais manifestações populares. Por isso, a contenda ganhou amplitude e expandiu-se para muitas cidades da Síria, jogando um número crescente de pessoas nas ruas. Se, no início, os manifestantes reclamavam uma evolução liberal do sistema político, passaram a exigir a queda do regime. Decepcionados com os magros resultados de uma tentativa de diálogo, a oposição está agora persuadida de que, mesmo se por algum milagre conseguisse um acordo com as auto-

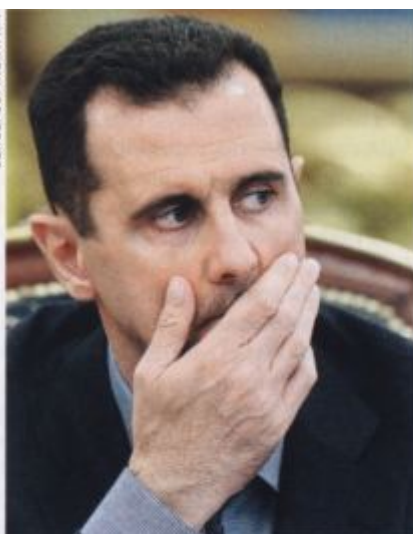
ridades, estaria caindo numa armadilha.

A ditadura síria quer realmente se democratizar? Seria algo comparável a cortar o galho no qual está instalada. Em 1963, o Baath tomou o poder através de um golpe militar. Em 1970, o general Hafez el-Assad, pai do atual chefe de Estado, eliminou seus companheiros de viagem e estabeleceu um regime autocrático baseado em três pilares principais: partido, exército, polícia secreta. Num país com um mosaico de grupos étnicos e confissões (árabes e curdos, sunitas e xiitas muçulmanos, ismaelitas, alauítas, drusos, cristãos), mas no qual a vasta maioria é sunita, Hafez instalou um neossecularismo para reforçar seu regime. Alauíta praticante, um ramo minoritário do Islã xiita há muito tempo considerado herético e, portanto, perseguido no passado, foram integrantes de sua própria agremiação religiosa que o fundador da dinastia Assad instalou na liderança do aparato de segurança. A diferença das unidades regulares das Forças Armadas, a guarda



pretoriana é composta exclusivamente de alauítas. Foram essas tropas que, em 1982, esmagaram, pelo preço de 20 mil mortes, uma revolta da Irmandade Muçulmana (sunitas) na cidade de Hama, onde bairros inteiros foram varridos do mapa.

O doutor Bashar el-Assad, oftalmologista formado na Grã-Bretanha e tido como reformista, sucedeu ao falecido pai em 2000. De fato, ele esboçou um tímido programa de tentativa de liberalização, a ponto de terem começado a falar Primavera de Damasco. Mas, quer pela dificuldade



A singular personalidade de Bashar el-Assad: ditador ou pau mandado?



da tarefa, quer pelo fato de ter enfrentado a forte relutância dos conservadores dentro do seu próprio clã, Bashar pôs um fim abrupto no processo. Ainda mais eficaz do que seu pai, Assad revelou-se fiel aos mundos dos negócios, incluindo a burguesia sunita, permitindo aos seus próximos tirar proveito das medidas de liberalização econômica para acumular consideráveis fortunas, enquanto o resto da população continuou a empobrecer. O mais privilegiado de todos foi o primo materno do presidente, Rami Makhlouf, magnata da telefonia móvel, da hotelaria e de diversos outros setores. Makhlouf tornou-se a figura emblemática da máfia do poder.

Como seu pai, Assad, aliado do Irã e do Hezbollah libanês, soube tirar proveito das potências regionais e internacionais. Favorece-o a posição estratégica central que ocupa a Síria no Oriente Médio, a compartilhar fronteiras com Turquia, Iraque, Jordânia, Israel e Líbano. Assad posiciona-se contra projetos israelense-americanos. Mas, ao mesmo tempo, afirma o seu valor insubstituível no papel de obstáculo ao islamismo na região. Por essa razão, e pelo maior dos paradoxos, Israel e os Estados Unidos são os primeiros a se inquietar com as repercussões que teria o colapso de um regime não muito conveniente. Entretanto,



Hariri. A Síria estaria por trás do assassinio do ex-premier libanês?

Assad tem rigorosamente mantido o *status quo* militar nas Colinas de Golã, mesmo se continua a apoiar ativamente o Hezbollah na fronteira a dividir o Líbano e Israel.

Igualmente perceptíveis são as apreensões dos libaneses, por conta da enorme influência que mantém o poder bathista no seu país. Isso, apesar da retirada forçada das tropas sírias do Líbano

no após o assassinato, em 2005, do ex-primeiro-ministro Rafiq Hariri. Dominado pelo Hezbollah, o governo de Nagib Mikati multiplica as manifestações de solidariedade com Damasco. Mikati dissociou-se de uma declaração presidencial do Conselho de Segurança das Nações Unidas condenando, em termos fortes, a brutalidade da repressão síria.

Mas, de todos os vizinhos da Síria, a Turquia manifesta as preocupações mais límpidas, porque ela é diretamente afetada pela crise. Outrora aliado de Israel, esse poderoso país muçulmano, membro da Otan, tem se aproximado nos últimos anos da Síria, com o qual forjou dezenas de acordos de cooperação. Governado por islâmicos moderados, a Turquia incita Assad a implementar reformas antes que seja tarde demais. Diante da intransigência de Assad, o tom tem aumentado. O nervosismo de Ancara é fácil de ser explicado. A população turca é formada principalmente por sunitas, estes naturalmente favoráveis aos insurgentes sunitas na Síria. Mas também conta com minorias ativas, como os alevitas (muito próximos dos alauítas da Síria) e os curdos. Se o confronto degenerar em guerra civil entre sunitas e alauítas sírios, os riscos de contágio se tornariam graves para a Turquia, que tem abrigado em sua fronteira com a Síria dezenas de milhares de refugiados sírios.

Se Assad continuar a fazer ouvidos de mercador, e as promessas de reforma que ele tem repetido para os visitantes da Turquia e do IBAS (Índia, Brasil, África do Sul) continuarem a ser letra morta, não é impossível que a Turquia, citando a sua própria segurança, se comprometa a desenvolver, dentro do território sírio, uma zona tampão de 10 a 20 quilômetros, que seria na verdade uma espécie de zona de exclusão. Essa área se tornaria rapidamente um santuário para os rebeldes, bem como para potenciais desertores do exército sírio.

Na ausência de uma possível repetição da expedição ocidental contra a Líbia, a idéia de um tal cenário parece estar ganhando aderentes em mais do que uma capital, particularmente no mundo árabe. Reinos petrolíferos do Golfo quebraram o silêncio. Chamaram seus embaixadores para consultas em Damasco, e o rei da Arábia Saudita exortou teatralmente Assad a parar a máquina de morte. Por enquanto, porém, a dita máquina continua embalada. •